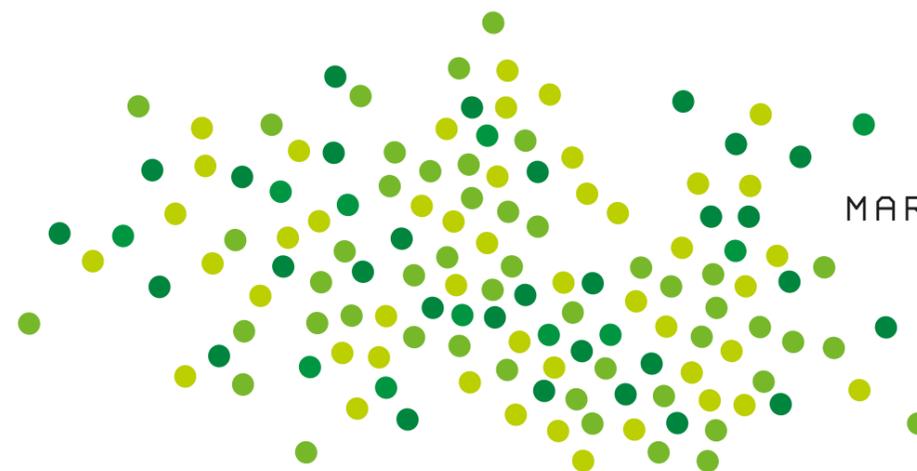


RELATÓRIO DE CENÁRIO – IMPRENSA

Novo capitalismo

setor de energia



MARTA PORTO_CONSULTORIA

Jornalista responsável

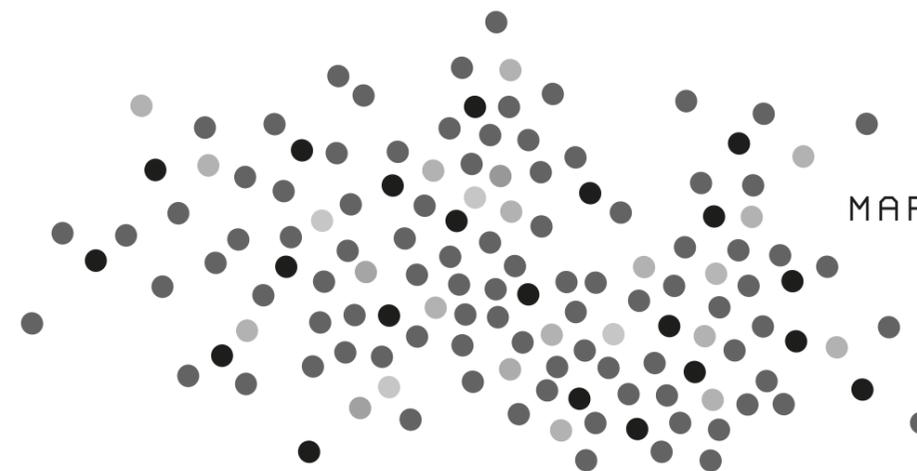
Rodrigo Caetano

Designer

Artur Porto

Editora

Marta Porto



MARTA PORTO_CONSULTORIA

Em tempos de crise, tudo fica mais transparente.

Pessoas e instituições,
públicas ou privadas,
são julgadas por suas atitudes,
que refletem, nitidamente,
seus valores.



Logo no início da crise do novo coronavírus, a sociedade demonstrou os valores que seriam aceitos e os que seriam rejeitados pela opinião pública.

Quando os presidentes das empresas Madero e Havan sugeriram um *trade off* entre vidas e crescimento econômico, foram severamente punidos.

Empresas que se comprometeram a manter o emprego das pessoas, mesmo com prejuízos à rentabilidade, por outro lado, fortaleceram suas marcas, como demonstra relatório produzido pela **Bites**, na página seguinte:

HAVAN CONTRA MAGALU

Vários segmentos estão sendo beneficiados por essas interações de otimismo.

É o caso do movimento “**Não Demita**”, que já reuniu 2,7 mil empresas com o compromisso de não realizar demissões em meio à crise econômica provocada pelo coronavírus.

A iniciativa surgiu após empresários como Luciano Hang, da Havan, e Junior Durski, do Madero, criticarem as medidas de isolamento cogitando demissões em suas companhias.



<https://bites.com.br/publicacoes/>

A conduta pessoal deles foi o ponto de maior repercussão entre os 73,3 mil tweets e 878 artigos na mídia tradicional citando empresas que já anunciaram demissões. O principal argumento compara os executivos com Luiza Helena Trajano, do Magazine Luiza.

Entre 22 de março e 22 de abril às 16h30, foram **174 mil tweets e 42,2 mil matérias** citando demissões e o #NãoDemita. As empresas membro do movimento foram citadas em 52,8 mil tweets e 3 mil artigos.

A rejeição à ideia do lucro a qualquer custo tem raízes profundas na sociedade.

1% The world's richest 1% have more than **twice as much wealth** as 6.9 billion people.

\$5.50 Nearly **half of the world's population** – 3.4 billion people – is living on less than \$5.50 a day.

100 M Every year, 100 million people worldwide are pushed into poverty because they have to **pay out-of-pocket for healthcare**.

258 M Today 258 million children – 1 out of every 5 – will **not be allowed to school**.

50% Globally, women earn **24 percent less than men** and own 50% less wealth.

Ela é fruto de um desgaste contínuo do acordo social proposto pelo sistema capitalista, que vem se acentuando desde a crise de 2008.

Os esforços para salvar o sistema financeiro, na crise anterior, não vieram acompanhados de mudanças estruturantes na maneira como o mercado e as empresas operam.

Pelo contrário, as instituições responsáveis pela recessão se fortaleceram. A concentração de capital aumentou e o nível de vida das pessoas estagnou ou piorou. Os relatórios da **Oxfam International** mostram ano a ano a piora no quadro da desigualdade global e da concentração de renda em um número cada vez menor de pessoas.

Oxfam International: Extreme inequality and essential services.

A incapacidade em apresentar um novo acordo social, que permita aos cidadãos comuns enxergarem uma perspectiva positiva para suas vidas, resultou no surgimento de movimentos questionadores, à direita e à esquerda.

No Oriente Médio, a **Primavera Árabe** derrubou ditaduras sólidas e deu início a guerras que perduram até hoje. Em Nova York, os jovens do **Occupy Wall Street** desencadearam um movimento global, com ampla repercussão na Europa.

No Brasil, os protestos de **junho de 2013** culminaram no impeachment da presidente Dilma. Em 2016, a eleição de Donald Trump consolidou a vitória dos dissidentes republicanos do **Tea Party**, grupo que surgiu como uma reação aos esforços de John McCain para aprovar o pacote bipartidário de socorro aos bancos, após a quebra do Lehman Brothers.

Mais recentemente, o Chile, considerado um dos países mais estáveis da América Latina, enfrentou revoltas e levantes populares por meses seguidos, o que levou o governo a rever medidas de austeridade e dar respostas concretas às demandas sociais colocadas nas ruas.

A França também não saiu ilesa, com o movimento dos **coletes-
-amarelos** que pressionou o governo de Emanuel Macron a voltar atrás na sua proposta de reforma da previdência, reduzir impostos e aumentar o salário mínimo.



O MUNDO PÓS COVID-19

Em meio a esse cenário de desconfiança, se soma a pandemia.

A crise do novo coronavírus, a maior desde a década de trinta, acontece em um momento de **descrença nas instituições**, como demonstra pesquisa realizada pela **Edelman**, empresa global de relações públicas:



<https://www.edelman.com.br/estudos/trust-barometer-2019>

74%
78%



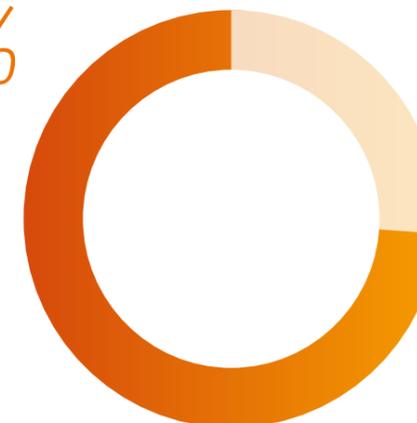
No Brasil...
74% da *população geral* e
78% do *público informado*
sentem falta de confiança;

74%
77%



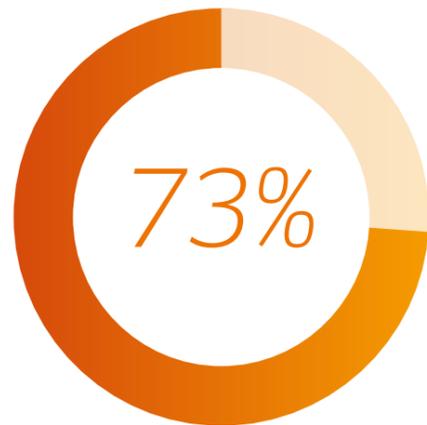
74% da *população geral* e
77% do *público informado*
sentem-se injustiçados
pelo sistema e manifestam
desejo de mudança;

73%

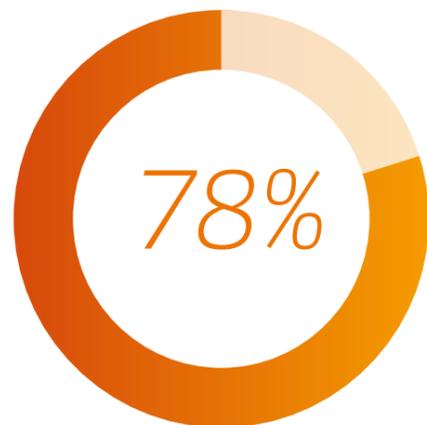


73% dos *empregados brasileiros*
estão **preocupados em perder o**
emprego por 'não ter a formação
e as competências necessárias
para ter um trabalho que pague
bem'."

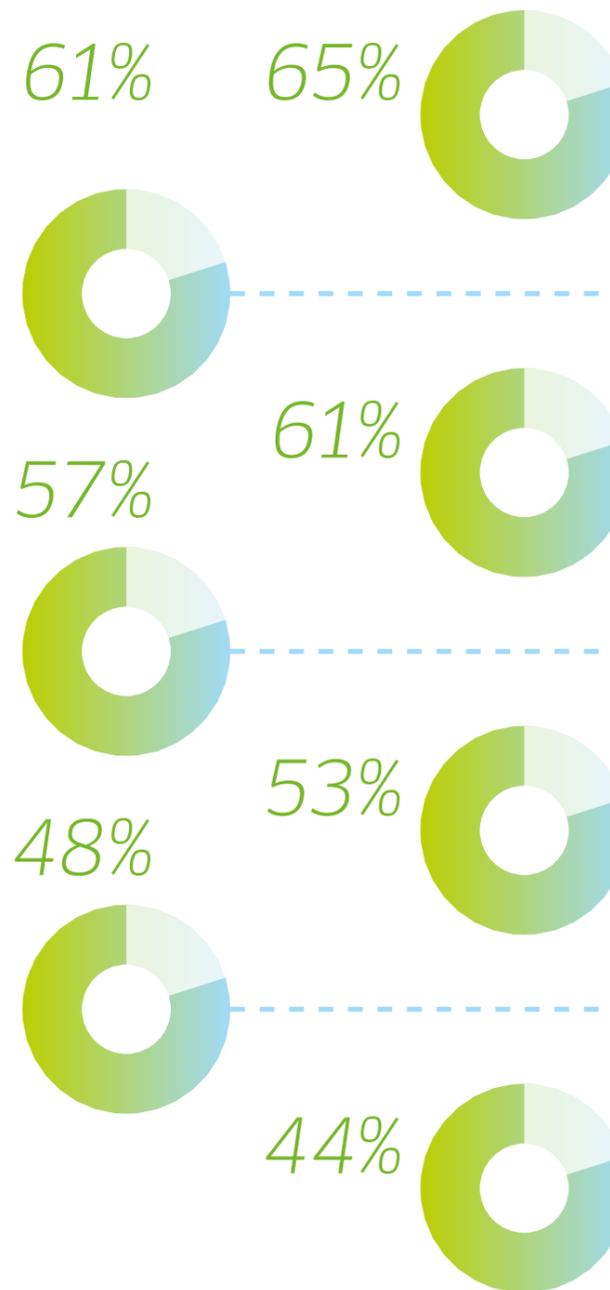
Entretanto, apesar da desconfiança generalizada, o papel das lideranças empresariais ganhou relevância. De acordo com a Edelman, nesse contexto de ceticismo, as pessoas esperam que os CEOs liderem melhorias sociais:



73% dos **brasileiros** afirmam que esses **executivos deveriam promover mudanças** ao invés de esperar que o governo as imponha (13% a mais do que no ano anterior);



78% acreditam que “uma companhia pode tomar atitudes que aumentem os lucros e, ao mesmo tempo, **melhorem as condições econômicas e sociais** nas comunidades onde opera”.



65% dos **brasileiros** concordam que os CEOs podem gerar mudanças positivas em relação à **Igualdade Salarial**,

61% em relação ao **Preconceito e Discriminação**;

61% em relação à **Formação para Empregos Futuros**;

57% em relação ao **Meio Ambiente**;

53% em relação à **Informações Pessoais**;

48% em relação às **Fake News**;

44% em relação ao **Assédio Sexual**.



O choque causado pelo novo coronavírus reforça esses sentimentos e deve acelerar a transformação das instituições.



Há uma grande expectativa por mudanças no comportamento empresarial.

A REAÇÃO DAS EMPRESAS

A resposta do setor corporativo às inquietações populares começa a se configurar na forma de um novo acordo entre capital e trabalho.

A agenda da sustentabilidade empresarial ganhou uma nova denominação: **capitalismo de stakeholder**.

O conceito é oriundo de movimentos mais antigos, como o **Capitalismo Consciente** e o **Sistema B**, e vinha se consolidando como modelo hegemônico desde o final do ano passado, quando o grupo **The Business Roundtable**, que reúne 181 grandes companhias americanas, divulgou uma **carta** rompendo com a ideia de que o lucro é o principal objetivo das empresas.

 Business Roundtable

Statement on the Purpose of a Corporation

Americans deserve an economy that allows each person to succeed through hard work and creativity and to lead a life of meaning and dignity. We believe the free-market system is the best means of generating good jobs, a strong and sustainable economy, innovation, a healthy environment and economic opportunity for all.

Businesses play a vital role in the economy by creating jobs, fostering innovation and providing essential goods and services. Businesses make and sell consumer products; manufacture equipment and vehicles; support the national defense; grow and produce food; provide health care; generate and deliver energy; and offer financial, communications and other services that underpin economic growth.

O tema foi abordado na capa da Exame da primeira semana de abril:

A crise do novo coronavírus deixa evidente uma divisão que vinha sendo lentamente formada no mundo dos negócios. De um lado, empresas que buscam atuar de maneira mais humanizada e atenta ao impacto que têm no mundo. Para elas, o propósito de uma empresa é gerar valor para todos os envolvidos em suas atividades – acionistas, funcionários, fornecedores, parceiros, clientes e a comunidade. O lucro, essencial para manter a operação de pé, é visto como consequência dessa boa gestão. Entre os especialistas, esse modelo é chamado de capitalismo de stakeholder, por colocar os interesses de todas as partes envolvidas (stakeholders, em inglês) à frente dos investidores.

Do outro lado, estão as empresas que atuam de acordo com o modelo de capitalismo de shareholder, no qual o retorno ao acionista (shareholder) é o grande norteador das ações e decisões dos gestores.

...



<https://exame.abril.com.br/revista-exame/vinte-anos-em-vinte-dias/>

Até este início de 2020, o capitalismo de stakeholder já vinha ganhando espaço nos debates entre grandes empresas e executivos em todo o mundo.

*Em dezembro do ano passado, o **The Business Round Table**, grupo que reúne 181 grandes companhias americanas, divulgou uma **carta** rompendo com o modelo de shareholder. Para os defensores do novo capitalismo, o documento é um marco histórico. A carta começa enaltecendo o livre mercado e o setor empresarial. Ao final, apresenta o compromisso de entregar valor a todos os stakeholders, “para o sucesso futuro de nossas empresas, nossas comunidades e nosso país”.*

Assinam o texto presidentes de companhias como a fabricante de computadores e celulares Apple, a varejista online Amazon, o grupo varejista

*Walmart, a petroleira Exxon Mobil, a operadora de telecomunicações AT&T e o conglomerado financeiro JPMorgan Chase. No **Fórum Econômico Mundial**, realizado em Davos, na Suíça, em janeiro, outro conceito de gestão responsável ficou no centro dos holofotes, o **ESG** (sigla para meio ambiente, social e governança em inglês). Especialmente caro aos investidores financeiros, o **padrão ESG** leva em consideração os impactos ambientais e sociais das companhias, que devem adotar elevados níveis de governança. Foi a maneira que o mercado de capitais encontrou para traduzir em métricas palpáveis o conceito de capitalismo de stakeholder e, com isso, estabelecer seu valor em dinheiro.*

A matéria dá grande destaque ao **Magazine Luiza**. Nota-se a ausência de empresas de energia, porém, há destaque para a **Gerdau**, empresa de um setor considerado antiquado, mas que adotou uma postura alinhada aos conceitos do capitalismo de stakeholder.

REVISTA EXAME

Pandemia força empresas a evoluir 20 anos em 20 dias

As empresas brasileiras têm percebido que, para atravessar a atual crise, precisam ser responsáveis com funcionários, clientes e acionistas

Por Danyssa Godoy, Rodrigo Castano
Publicado em 9 abr 2020, 05h13









Luiza Helena Trajano, presidente do conselho administrativo do Magazine Luiza. (Lailson Santos/Divulgação)

O mercado financeiro também começa a rever a maneira como analisa as empresas.

À frente desse movimento está a **BlackRock**, maior gestora de recursos do mundo, com quase 7 trilhões de dólares em ativos no portfólio. O presidente da companhia no Brasil, Carlos Takahashi, prevê uma nova precificação de ativos após a pandemia. Também em entrevista à Exame, ele detalhou a agenda de recuperação econômica que será instituída daqui para frente:

A recuperação promoverá três agendas concomitantes: a de esforços emergenciais de contenção da crise, voltada para o social; medidas mais amplas de retomada, focadas na reconstrução econômica; e a agenda empresarial, concentrada no desenvolvimento de uma nova maneira de atuar perante a sociedade. “As três se conversam e têm como fio condutor a sustentabilidade”, define Takahashi.

MERCADOS

Haverá uma nova precificação de ativos após a pandemia, diz BlackRock

Maior gestora de ativos do mundo dobra aposta na sustentabilidade e prevê novo comportamento empresarial como resultado da crise

Por **Rodrigo Caetano**
Publicado em 8 abr 2020, 13h30









Carlos Takahashi, CEO da BlackRock no Brasil: momento é decisivo para as organizações (Edu Monteiro/EXAME.com/EXAME)

<https://exame.abril.com.br/mercados/havera-uma-nova-precificacao-de-ativos-apos-a-pandemia-diz-blackrock/>

TERCEIRO SETOR EM DESTAQUE

O terceiro setor ganhou relevância durante a crise.

A rápida reação das ONGs e das lideranças comunitárias em levar ajuda para as favelas e periferias foi amplamente noticiada.

Ongs, como **Cufa - Central Única das Favelas**, **Redes da Maré**, **Associação de Moradores de Paraisópolis**, foram as primeiras a reagir as ameaças do covid-19, criando redes de voluntariado e campanhas de mobilização de recursos para a proteger e dar assistência rápidas e eficazes aos moradores.

Coronavírus: coletivos e ONGs arrecadam doações para os mais carentes; saiba como ajudar

Instituições como Cufa, Agência do Bem e Instituto Reação buscam apoio da população para levantar dinheiro e alimentos a comunidades

Karina Maia

09/04/2020 - 06:00 / Atualizado em 13/04/2020 - 16:39

ECONOMIA

Criticado por Bolsonaro, 3º setor se destaca na luta contra o coronavírus

ONGs e fundações estão na linha de frente do combate à covid-19 nas favelas e nos territórios com a menor presença do poder público

Essas ações mostraram a capacidade de mobilização cívica das comunidades e os aprendizados que as tecnologias sociais podem trazer para a sociedade em momentos de crise.

Paraisópolis cria rede de solidariedade para conter danos do coronavírus

Auxílio a diaristas em aplicativo e distribuição de marmitas estão entre as ações na comunidade

Márcia De Chiara, O Estado de S.Paulo
14 de abril de 2020 | 15h00

PUBLICIDADE

'Mães da Favela': doações para o projeto da Cufa ultrapassam R\$ 800 mil durante o 'É de Casa'

'A Central Única das Favelas iria atender 20 mil mulheres no Brasil, agora vai conseguir atender 40 mil', comemora repórter Manoel Soares

A FILANTROPIA

Outro tema que ganhou destaque foi a filantropia, especialmente após a doação bilionária do Itaú.

Há uma mudança de sentimento em relação às doações. A crise ressaltou a importância da participação da sociedade civil para o desenvolvimento do país, como ficou explicitado em editorial da Folha, ao lado.

O **Gife, Grupo de Institutos e Fundações de Empresas**, criou um **guia para orientar os investimentos** privados no combate ao vírus, e a **ABCR** um **monitor das doações** privadas na emergência do covid-19. Em 28 de abril, o monitor mostrava mais de R\$3,7 bilhões em investimentos, recorde histórico no país.

No Brasil, um dos países mais desiguais do planeta, tem-se caminhado nos últimos anos para consolidar um arcabouço institucional favorável à filantropia, embora haja longo caminho para evoluir.

Diante da urgência imposta pela disseminação do novo coronavírus e das evidentes dificuldades e assimetrias do sistema de saúde e da realidade socioeconômica nacional, a mobilização de parcelas expressivas de sua elite é bem-vinda e merece reconhecimento.

Num país que cunhou a expressão “pilantropia” para designar ações de aproveitadores que se valem da lei com o intuito de burlar suas finalidades beneméritas, trata-se de iniciativas auspiciosas.

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/04/hora-de-doar.shtml>



<https://www.monitordasdoacoes.org.br/>

AS EMPRESAS DE ENERGIA

O setor de energia, com algumas exceções, ficou de fora da agenda do capitalismo de stakeholder.

A cobertura esteve focada nas medidas do governo para evitar o corte de luz e abonar os consumidores mais pobres da tarifa.

É um viés do setor que precisa ser trabalhado.

Justiça proíbe corte de energia elétrica por 90 dias no Estado do Rio

Medida derruba decisão anterior, que havia liberado o corte

Shoppings conseguem liminar para reduzir custos com energia

Fechamento do comércio em decorrência do novo coronavírus reduziu drasticamente a demanda por eletricidade nos centros de compras

Por outro lado, iniciativas recentes como do **Instituto Acende Brasil**, mobilizando empresas para apoiarem a campanha **Unidos pelo Covid-19**, da Fiocruz, e iniciativas individuais de doações e campanhas de cooperação, vêm buscando reverter essa percepção negativa. Empresas como a **Cemig, EDP e Energisa** ganharam destaque na imprensa nacional ao mobilizar doações e parcerias com o poder público e instituições da sociedade civil.

Valor Empresas

Buscar

Anúncios Google

Denunciar este anúncio Anúncio? Por quê?

Empresas de energia estimulam clientes e funcionários a doar

Companhias também contribuem com recursos próprios para atenuar impactos da covid-19

Por Rodrigo Polito e Leticia Fucuchima — Do Rio e São Paulo

16/04/2020 05h01 - Atualizado há 2 horas

f t w in

<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/04/16/empresas-de-energia-estimulam-clientes-e-funcionarios-a-doar.ghtml>

Setor elétrico se junta em projeto de testes da covid-19 na Fiocruz

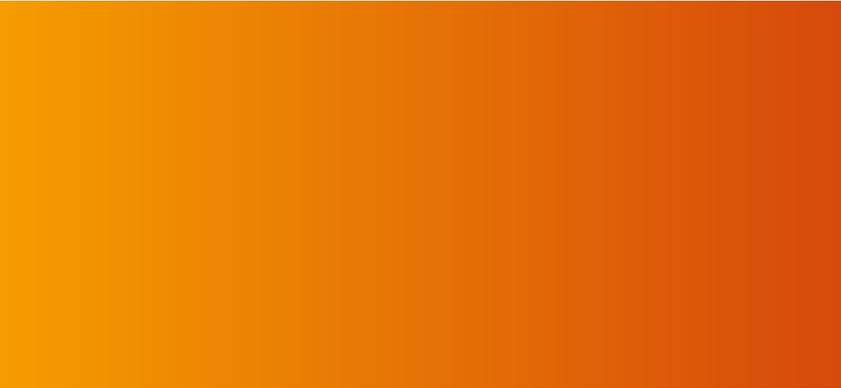
Agência Brasil

12/04/2020 15h00

Sete empresas do setor elétrico se uniram para arrecadar recursos para o fundo emergencial da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), visando aumentar a produção de testes diagnósticos da covid-19. Até o momento, já estão comprometidos R\$ 9 milhões.

f t +

PUBLICIDADE



Um setor que precisa se conectar com o novo capitalismo

A conclusão que se chega, pela análise das notícias na imprensa, é que o setor elétrico precisa acelerar as mudanças para entrar na nova agenda do capitalismo de stakeholder – cultura empresarial que irá cada vez mais definir o fluxo dos investimentos globais e da formação de opinião. Embora seja importante para a sociedade e tenha elementos de sustentabilidade incorporados à atuação das concessionárias, o setor precisa entrar nessa pauta de forma mais clara, atuando para dentro dos negócios com ações que visam **proteger o meio ambiente e gerar lucro social compartilhado com as comunidades onde estão presentes.**

O setor elétrico está em um momento de grandes transformações, com a transição para uma matriz energética limpa e renovável.

Novas tecnologias impõem à sociedade a necessidade de fazer escolhas. O **Fórum Econômico Mundial**, por exemplo, no relatório **Fostering Effective Energy Transition** (Promovendo a Transição Energética Eficaz), aponta a necessidade de se conduzir cuidadosamente essa transformação na direção de um sistema baseado no seguinte tripé:

Desenvolvimento e crescimento econômico + Acesso universal a fontes seguras e confiáveis + Sustentabilidade ambiental.

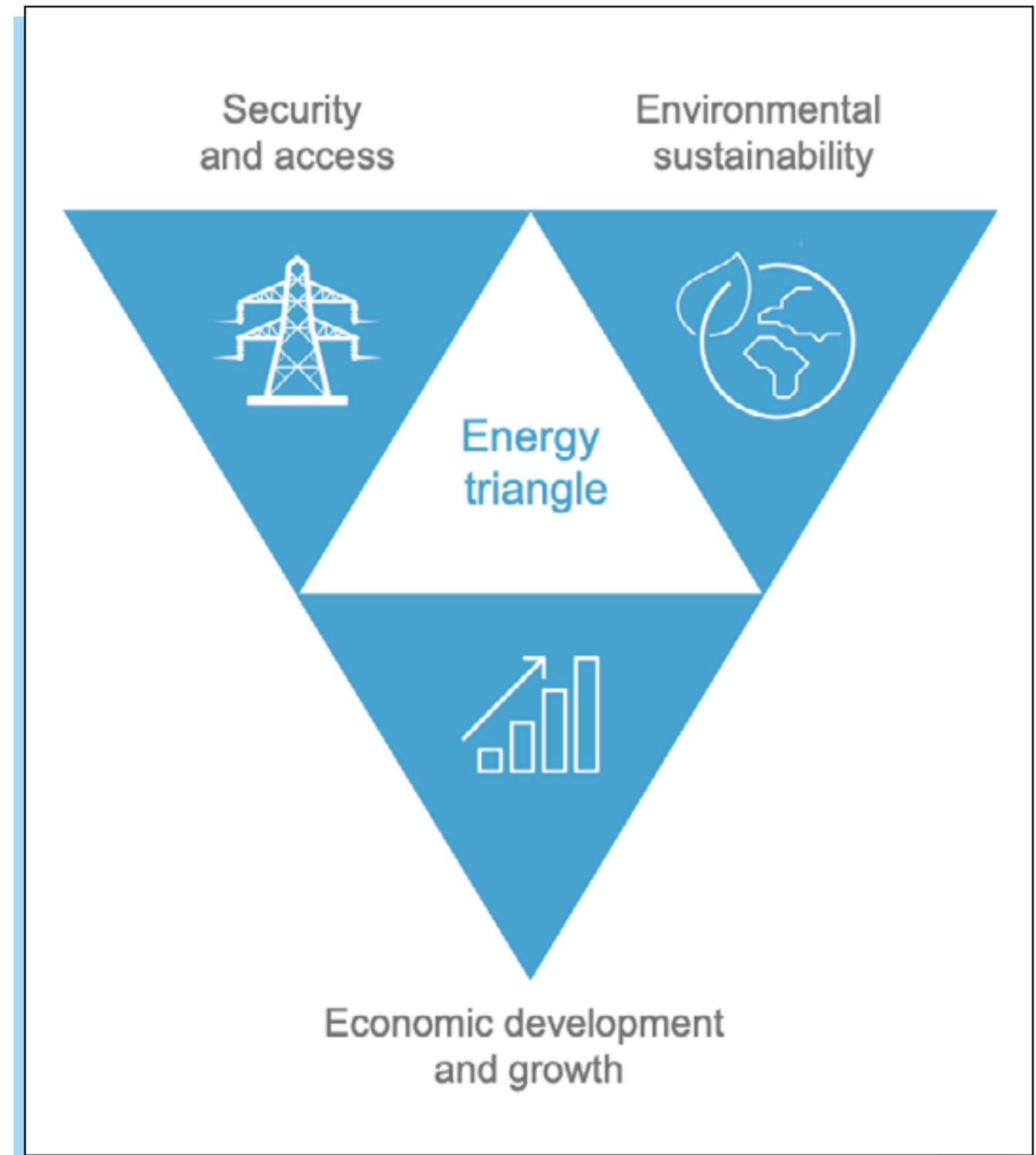
Fostering Effective Energy Transition 2019



Fostering Effective Energy Transition report is part of the World Economic Forum's System Initiative on Shaping the Future of Energy. The report summarizes insights from the "Energy Transition Index", which builds upon the previous series of "Global Energy Architecture Performance Index" by adding a forward looking element of country readiness for energy

<https://www.weforum.org/reports/fostering-effective-energy-transition-2019>

Desenvolvimento e crescimento econômico
+
Acesso universal a fontes seguras e confiáveis
+
Sustentabilidade ambiental



“A indústria e a sociedade modernas estão intrinsecamente ligadas à produção, entrega e ao consumo de energia”

“Conseqüentemente, transições energéticas têm repercussões nas decisões de negócios, nos objetivos políticos e no comportamento dos consumidores”



Em 2050,
+30 milhões pessoas
+200% TWh

Nas próximas três décadas, o Brasil irá crescer sua **população urbana em 30 milhões de pessoas**. O número de domicílios deve aumentar em um ritmo ainda maior, em função do atual déficit habitacional, hoje na casa dos 9%. A previsão é de que o número de habitantes por residência deverá cair de 3,3, em 2010, para 2,3, até 2050. No mesmo período, a taxa de **urbanização terá um incremento de 4,5%, atingindo a marca de 89%**.

Como resultado desse processo, o consumo anual de energia elétrica irá passar de 514 TWh, em 2013, para **1.605 TWh, em 2050**,

um crescimento de mais de 200%. Em grande parte, esse incremento se dará pelo uso de dispositivos essencialmente urbanos, como o ar condicionado, e pelos desafios da mobilidade.

É fato que todas as soluções em análise para o problema do transporte nas grandes metrópoles, atualmente, passam pela eletrificação. Diversos países desenvolvidos, inclusive, já anunciaram metas para seus estoques de carros elétricos.

Ao mesmo tempo em que é preciso garantir a demanda energética proveniente da urbanização do País e do crescimento econômico, existe a necessidade de universalização do sistema elétrico.

Ou seja, garantir que a energia chegue aos mais distantes rincões do País. Promover uma transição energética eficaz, portanto, é impreterível para garantir um ambiente que favoreça o **desenvolvimento econômico, social e a construção de um futuro sustentável**.

No campo financeiro, é certo que os grandes atores internacionais irão demandar o alinhamento a conceitos de ESG em qualquer investimento. A BlackRock, por exemplo, utiliza um sistema proprietário de

análise de riscos e construção de portfólios chamado **Aladdin**. Este ano, a gestora finalizou uma atualização no sistema para incluir métricas de ESG, transversalmente, em todas as suas análises. O mesmo movimento é visto em fundos de pensão, seguradoras e outros grandes investidores globais. O acesso a recursos financeiros, no futuro, dependerá de uma atuação mais sustentável. Ou a empresa pagará mais caro.

INDICADORES DO NOVO CAPITALISMO

A agenda do novo capitalismo já promoveu uma série de indicadores, modelos, grupos empresariais e movimentos globais.

Os **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**, metas estabelecidas pela ONU, são os balizadores dessas iniciativas. Também se destacam alguns economistas e influenciadores que estão mudando as visões do mercado. Na área financeira, os índices de sustentabilidade são uma importante ferramenta para investidores.

AGENDA 2030

[Objetivos de Desenvolvimento Sustentável](#)

[Rede Brasil do Pacto Global](#)

ÍNDICES

Dow Jones Sustainability Index

Índice de Sustentabilidade Empresarial - B3



REPORTS E GRUPOS EMPRESARIAIS

Global Reporting Initiative

Network of Central Banks and Supervisors for Greening the Financial System (NGFS)

Carbon Disclosure Project

Conselho Empresarial Brasileiro - CEBDS

Global Carbon Project

Grupo de Institutos Fundações e Empresas - GIFE

Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social - IDIS

Sistema B Brasil

Empresas Humanizadas

Instituto Ethos

ECONOMISTAS EM PAUTA

Armínio Fraga.

Eduardo Giannetti da Fonseca.

André Lara Resende.

Monica de Bolle.

Laura Carvalho.

Nathália Rodrigues (Nath Finanças).

ARTIGOS E ENTREVISTAS

[The green swan: Central banking and financial stability in the age of climate change.](#)

[18 lessons of quarantine urbanism.](#)

[How to reform today's rigged capitalism.](#)

[Uma mudança estrutural nas finanças.](#)

[How the Economy Will Look After the Coronavirus Pandemic.](#)

[Financial Times Reports](#)

[Luiza Helena Trajano.](#)

[Candido Bracher.](#)

LIVROS

O povo contra a democracia – Yascha Mounk.

O novo iluminismo – Steve Pinker.

O futuro do capitalismo – Paul Collier.

Ideias para adiar o fim do mundo – Ailton Krenak.

Rewriting the Rules of the American Economy e

Rewriting the Rules of the European Economy – Joseph Stiglitz.

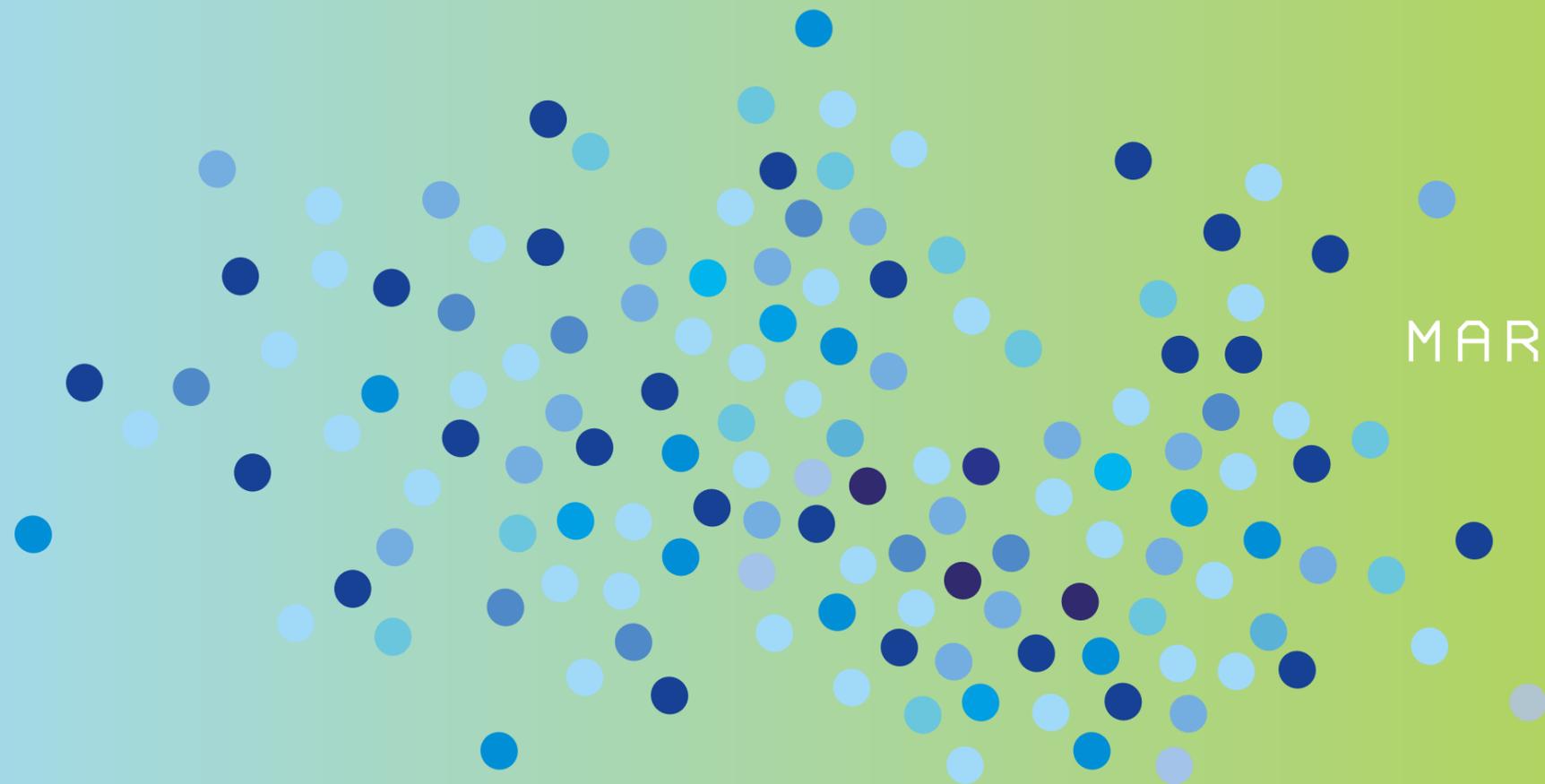
Crashed – Adam Tooze.

Silver, Sword and Stone – Marie Arana.

The Lost History of Liberalism – Helena Rosenblatt.

Empreendedorismo Consciente: como melhorar o mundo e ganhar dinheiro – Rodrigo Caetano e Pedro Paro.

Capitalismo Consciente: Como Libertar o Espírito Heroico dos Negócios – John Mackey e Raj Sisodia.



MARTA PORTO_CONSULTORIA